

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada

## ***MEMORIAL***

Apresentado à Comissão de Avaliação  
para progressão horizontal na carreira docente

Prof. Dr. Marcus V. Mazzari

Submetendo-me agora ao processo de avaliação para a progressão horizontal na carreira docente, gostaria de abrir esta síntese referente aos aspectos mais relevantes em meu currículo acadêmico nos últimos cinco anos mencionando dois livros publicados em 2010: 1. *Labirintos da Aprendizagem* (São Paulo, Editora 34), que versa sobre temas e autores como “pacto fáustico”, “romance de formação”, “experiências escolares”, Guimarães Rosa, Thomas Mann, Raul Pompéia, Robert Musil, Manuel Bandeira, Bertolt Brecht, Goethe; e 2. *Fausto e a América Latina* (São Paulo, Humanitas – org. M. V. M. e Helmut Galle), que enfeixa trinta ensaios de professores e pesquisadores brasileiros e internacionais, entre estes últimos o sociólogo Oskar Negt e o germanista Ernst Osterkamp (dois eminentes nomes na esfera acadêmica e intelectual alemã). Além disso, publiquei nove outros trabalhos de certo relevo, entre as quais assinalo um ensaio em alemão (“Brasilien-Reisende in Goethes Rezeption”) sobre o intercâmbio científico e cultural entre Goethe e o cientista bávaro (e autor, ao lado do zoólogo Spix, da obra *Viagem pelo Brasil*) Carl Friedrich P. von Martius (*Ibero-amerikanisches Jahrbuch für Germanistik*, 2011), e o estudo “Hoffmann e as primícias da arte de enxergar”, publicado como posfácio à narrativa de E. T. A. Hoffmann *A janela de esquina do meu primo* (São Paulo, Cosac Naify, 2010).

No quinquênio em questão participei também de várias atividades (sobretudo conferências e bancas) em universidades brasileiras, como UNESP-Araraquara, UNICAMP, UFPR, UFRN ou ainda na Fundação Casa de Rui Barbosa, e também como palestrante convidado da *Goethe-Gesellschaft* em Weimar, no âmbito do congresso internacional em junho de 2011 sob o tema *Goethe und die Künste* (Goethe e as Artes). Também organizei dois eventos internacionais de considerável repercussão: 1. o Simpósio “Fausto e a América Latina” (com o prof. Helmut Galle), ocorrido entre 18 a 21 de agosto de 2008 na Universidade de São Paulo e com o apoio de importantes fundações brasileiras e alemãs: Deutsche Forschungsgemeinschaft (DFG), DAAD, Fapesp e Capes; 2. O Congresso “Afinidades Eletivas”, sob o ensejo dos 200 anos da publicação do romance de Goethe e que teve lugar na USP e no Goethe-Institut São Paulo entre os dias 4 e 6 de novembro de 2009.

Quanto às atividades de orientação, houve seis orientandos que, entre 2008 e 2012, puderam defender os seus trabalhos, três dissertações de mestrado e três dissertações de doutorado. Em 2011 o prof. Pedro Armando Magalhães (UFRJ) concluiu sob minha supervisão o seu trabalho de pós-doutoramento e, no momento, a Érica Gonçalves de Castro se encontra na fase derradeira de sua pesquisa sobre o

romance *O homem sem qualidades*, de R. Musil. Lembro ainda que nesse mesmo período assumi todos os anos a disciplina obrigatória (e de maior carga horária) Introdução aos Estudos Literários (IEL), sendo que em 2010 e 2012 isso se deu tanto no primeiro como no segundo semestre.

Encerro este resumo ressaltando ainda que publiquei diversas traduções no período aqui considerado (o que me proporcionou, em 2012, o prêmio de tradução da fundação suíça *Übersetzerhaus Looren*) e participei ativamente da fundação da Associação Goethe do Brasil, que reúne professores e pesquisadores de diversos estados brasileiros e da qual sou o presidente desde março de 2009. Após ter saído da coordenação de pós-graduação, exerci entre janeiro de 2006 e julho de 2009 as funções de vice-chefe do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e de agosto de 2009 a agosto de 2011 ocupei a chefia deste departamento.

## I – Qualidade de pesquisa e de produção artística

A pesquisa a que mais me dediquei durante o período compreendido por este memorial diz respeito ao *Fausto*, de Goethe, e, em plano secundário, a dois outros romances que têm o seu eixo temático no “pacto fáustico”: *Doutor Fausto* (1947), de Thomas Mann, e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Trata-se de uma pesquisa (contemplada no início de 2010 com Bolsa de Produtividade do CNPq) em pleno desenvolvimento e da qual resultará um livro voltado a tópicos como “estrutura alegórica” da segunda parte da tragédia, “conceito de experiência”, “traduções do *Fausto*, em especial para o português”, “influência do livro alemão anônimo de 1587 e do drama *Tragical history of Dr. Faustus* (1592), de Marlowe, sobre a posterior tradição fáustica”. Valeria observar quanto ao projeto desse livro que sobre o *Fausto* goethiano já se escreveram centenas de milhares de páginas, as quais não podem mais ser examinadas em pesquisas individuais. Além disso, *pari passu* com a quantidade caminha o nível de muitas das interpretações: Hegel, Lukács, Croce, Adorno são apenas alguns dos nomes que se inscreveram nessa filologia fáustica que registra ainda vários dos principais germanistas dos séculos XIX e XX. Difícil, portanto, se não quase impossível, dizer algo novo sobre essa *Ilíada* do moderno espírito poético, conforme se expressou Aleksandr Púchkin. No livro que tenho em mente gostaria, contudo, de elaborar um roteiro de leitura mais aprofundado do que me foi possível no âmbito dos textos que integram as edições comentadas que preparei e, sobretudo, deixar explícito o

local histórico do intérprete na abordagem de determinadas dimensões dessa obra magna da literatura alemã e mundial. Penso aqui, em particular, na chamada tragédia do colonizador, que se segue – lançando mão de um esquema simplificador – à tragédia do erudito (nas cenas de abertura do *Fausto I*), depois à tragédia amorosa ou de Gretchen e, na segunda parte, à tragédia de Helena. Creio que dificilmente se encontrará, em toda a literatura mundial, um poeta que tenha plasmado com igual força e clarividência a tragicidade da ação, o corromper-se do ideal utópico no contato com a realidade, a relação intrínseca entre o bem e o mal, como fez o octogenário Goethe nas cenas do quinto ato, antes da redenção do herói pelo “amor do alto”. E é justamente à abordagem dessa tragédia do colonizador, em cuja exegese se refletem as vicissitudes da história alemã nos dois últimos séculos, que eu gostaria de trazer alguns subsídios e inflexões tomados ao processo colonizador brasileiro e aos desdobramentos que ainda hoje vivenciamos. Trata-se de uma hipótese de trabalho que talvez só possa ser testada à luz de um texto como esse, que abre às sucessivas gerações futuras de leitores a possibilidade de nele encontrar, de maneira sempre renovada, muito mais do que pôde colocar o propósito consciente do poeta. Portanto, uma obra “incomensurável”, como gostava de dizer o poeta que, pouco antes da morte, escrevia a um amigo a respeito do *Fausto II*, reservado para publicação póstuma: “Não espere elucidação; como se dá com a história do homem e do mundo, o problema por último solucionado sempre desvenda um novo problema a ser solucionado”. (Para que se possa ter uma ideia mais concreta dessa pesquisa, anexo uma versão resumida do projeto: Anexo I.)

Entre as várias atividades relacionadas a essa pesquisa (e realizadas nos últimos cinco anos) menciono duas palestras que proferi na Alemanha, a primeira, intitulada “Die brasilianische Reise von Carl Fr. Ph. von Martius und ihre Rezeption bei Goethe” [A viagem brasileira de Martius e sua recepção por Goethe], no âmbito da *Fifth International and Interdisciplinary Conference Alexander von Humboldt*, realizada em 2009 na Universidade Livre de Berlim, e a segunda sobre a presença da obra goethiana na literatura brasileira, proferida em Weimar durante o Congresso Internacional *Goethe und die Künste* (Goethe e as Artes) em junho de 2011. (Quanto ao Congresso de 2013 em Weimar já recebi carta-convite da *Goethe-Gesellschaft* para uma participação relacionada ao tema *Goethe und die Religionen*, com todas as despesas de transporte e estadia assumidas pela fundação *Deutsche Forschungsgemeinschaft*.) Mas, além desses dois registros, gostaria de assinalar que desde o ano de 2008 até agora apresentei quatorze outras palestras e conferências (todas elencadas no currículo Lattes), sendo que

a última, sobre o “motivo da hospitalidade na literatura”, se deu em março de 2012 na Universidade Estadual de Montes Claros (MG) durante Seminário “Dimensões da crítica literária brasileira”, em homenagem a João Luiz Lafetá.

Em relação aos eventos que ajudei a organizar, o mais recente ocorreu no período de 15 a 18 de agosto de 2011 no Prédio de Letras-FFLCH: “VI Jornada de Literatura Alemã”, que teve coordenação minha e do prof. Tercio Redondo (DLM). Entre 4 e 6 de novembro de 2009 deu-se o acima mencionado Congresso Internacional “Afinidades Eletivas”, com a presença, entre outros, do prof. Jochen Golz, presidente da *Goethe-Gesellschaft Weimar* e antigo diretor do Arquivo Goethe-Schiller. Creio, porém, que nesse item uma menção especial caberia ao também já citado Simpósio Internacional “Fausto e a América Latina”, que teve lugar no anfiteatro de História (FFLCH – USP) entre os dias 18 e 21 de agosto de 2008. O simpósio foi ensejado pelo bicentenário da publicação da primeira parte do *Fausto* e tivemos como participantes quatorze especialistas da Alemanha, doze brasileiros e ainda oito da Argentina, Chile e Espanha, com todas as palestras em alemão traduzidas para o português e as apresentações em espanhol e português traduzidas para o alemão. Em minha comunicação pude valer-me das pesquisas que realizei em bibliotecas de Weimar, no ano de 2004, sobre o extraordinário interesse que Goethe tinha pelo Brasil, o que o levou a estabelecer contato com inúmeros cientistas que percorreram o nosso país. Desse modo, retirei o título da comunicação (“...inteiramente presentes e como em casa numa parte do mundo tão remota”) das palavras com que o poeta octogenário fecha a sua bela resenha dos estudos de Carl F. Ph. von Martius sobre palmeiras brasileiras: “e, percorrendo assim o círculo dos escritos acima comentados, sentimo-nos inteiramente presentes e como em casa numa parte do mundo tão remota”. A segunda parte da palestra foi dedicada à recepção do *Fausto* no Brasil e em Portugal, enfocando-se as traduções de Agostinho D’Ornellas, Antonio Feliciano de Castilho, João Barrento e Jenny Klabin Segall (além das duas cenas transcritas por Haroldo de Campos – ou, como proposto em seu estudo *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*, “mefisto-fausticamente transluciferadas”).

O texto dessa comunicação foi posteriormente ampliado e publicado no volume *Fausto e a América Latina*, que organizei com o prof. H. Galle. Registro também que, após ter publicado amplos prefácios e posfácios às edições comentadas do *Fausto I* (“Goethe e a história do Doutor Fausto: do teatro de marionetes à literatura universal”, Editora 34, 2004 – edição revisada e ampliada: 2010) e *Fausto II* (“Esses gracejos muito

sérios do velho Goethe”, Editora 34, 2007), publiquei também o posfácio “Hoffmann e as primícias da arte de enxergar”, sobre a obra tardia do escritor romântico E. T. A. Hoffmann, e um prefácio igualmente amplo ao volume, com organização, tradução e notas de minha autoria, *O Rabi de Bacherach e três textos sobre o ódio racial*, de Heinrich Heine (São Paulo, Hedra, 2009). Outro estudo de minha autoria (“O bicentenário de um clássico: Poesia do maravilhoso em versão original”) acompanha a coletânea *Contos maravilhosos infantis e domésticos (Kinder- und Hausmärchen)* dos irmãos Grimm, cuja publicação está prevista para o final de setembro de 2012, sob o ensejo dos duzentos anos do aparecimento, na Alemanha, da famosa coleção de Wilhelm e Jacob Grimm.

Quanto às minhas atividades enquanto tradutor, a mais recente refere-se ao livro do renomado economista (de orientação ecológica) Hans Christoph Binswanger (1929) *Dinheiro e Magia. Uma crítica da economia moderna à luz do Fausto de Goethe*, que realizei em parceria com Maria Luiza Borges (Rio de Janeiro, Zahar, 2011). Trabalho atualmente na tradução de uma das mais importantes novelas em língua alemã, “Romeu e Julieta na aldeia”, que pertence ao ciclo *Die Leute von Seldwyla* [A gente de Seldvila] de Gottfried Keller, que pode ser considerado o maior nome da literatura suíça. Com cerca de 100 páginas, a novela “Romeu e Julieta na aldeia” será publicada, acompanhada de um estudo que estou elaborando, no início de 2013 e a ela devem seguir-se outras peças desse mesmo ciclo narrativo.

## II – Qualidade na docência

Nas disciplinas de graduação e de pós-graduação que venho ministrando desde o meu ingresso no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (1996), tenho procurado trabalhar não apenas com autores brasileiros (uma vez que no curso de Letras todos os alunos fazem disciplinas de literatura brasileira), mas também estrangeiros, tanto os alemães, que conheço de maneira mais íntima, como autores de outras literaturas ocidentais. Já na disciplina de IEL I, voltada para a lírica, procuro apresentar aos alunos ingressantes poemas estrangeiros no original, acompanhados de boas traduções, para que eles possam começar a familiarizar-se com idiomas e ter assim um apoio consistente para a escolha da habilitação a partir do segundo ano de faculdade. Desse modo, nas minhas últimas disciplinas de IEL I trabalhei com poemas de Garcia Lorca, Verlaine, Leopardi, Wordsworth, Goethe, Maiakóvski (posso orientar-me um

pouco no russo a partir do sérvio, idioma falado pelos meus avós e tios maternos), entre vários outros grandes líricos, incluindo-se evidentemente os brasileiros e portugueses. Quanto à disciplina de IEL II, voltada para a narrativa, gostaria de assinalar que as novelas “inauditas” (“que outra coisa é a novela senão um acontecido inaudito”, na célebre definição de Goethe) “O terremoto no Chile”, que traduzi para um volume publicado pela Companhia das Letras no final de 2007, e “A metamorfose”, que sempre discutimos na tradução de Modesto Carone, revelam via de regra extraordinária eficácia junto aos alunos; lembro também experiências muito positivas que tive e continuo tendo, no contexto dessa disciplina, com narrativas de E. A. Poe. Guy de Maupassant, L. Pirandello, A. Tchéckov, para citar apenas alguns nomes estrangeiros.

O que também posso dizer no tocante a esse tópico relacionado à docência é que sempre me dediquei, com todos os recursos e possibilidades a meu alcance, às disciplinas de graduação e pós-graduação que assumi ao longo de minha trajetória como docente do DTLLC. Uma vez, contudo, que nos últimos cinco anos ministrei principalmente as duas disciplinas de Introdução aos Estudos Literários, anexo no final deste memorial os programas (bastante concisos) de IEL I e IEL II que me couberam no primeiro e segundo semestre de 2012 (Anexo II).

### III – Orientação de trabalhos

No âmbito das atividades acadêmicas, o que me tem sido igualmente bastante gratificante é a orientação de teses, dissertações, trabalhos de iniciação científica assim como a supervisão de pesquisas de pós-doutorado. Creio que os temas e autores compõem um espectro bastante característico da área em que atuo, isto é, teoria literária e literatura comparada. A primeira defesa de uma orientanda (Leonice Rodrigues Pereira, hoje professora titular da Universidade do Estado de Mato Grosso) ocorreu no segundo semestre de 2002 e se tratava de uma dissertação sobre a representação do internato nos romances *Doidinho* e *Los ríos profundos*, de José María Arguedas; a mais recente se deu em junho de 2012, sobre a caracterização literária do diabo nos romances *Grande Sertão: Veredas*, *Doutor Fausto* e *Os irmãos Karamázov* – uma dissertação, aliás, que recebeu os melhores elogios da banca, formada por Cleusa Rios e pelo tradutor do romance russo (e de outras obras de Dostoiévski) Paulo Bezerra. (Ressalto também que merecedora dos mais amplos elogios por parte do parecerista da FAPESP

tem sido a pesquisa de pós-doutorado de Érica Gonçalves de Castro sobre o papel do “ensaísmo” no romance de Robert Musil *O homem sem qualidades*.)

Conforme observei acima, nos últimos cinco anos, seis orientandos defenderam suas teses e dissertações, o que me levou a abrir quatro novas vagas no processo seletivo de 2012. Também no que diz respeito à iniciação científica, estabeleci contato com três alunos (dois frequentaram as minhas disciplinas de IEL de 2010) visando o encaminhamento das pesquisas, sob minha orientação, para o próximo processo seletivo, ainda que de início nem todas as pesquisas possam ser contempladas com bolsas.

No período entre as defesas dessas duas dissertações citadas, tive a satisfação de presidir bancas, entre outros temas, sobre “O Alienista”; *A educação sentimental*; *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce, e *A.M.D.G.*, de Ramón Perez de Ayala; “A hora e vez de Augusto Matraga”; *Memórias de um Sargento de Milícias* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*; *O jovem Törless* e *O Ateneu*; *Grande Sertão: Veredas*; narrativas de Clarice Lispector que tematizam a infância; ou ainda sobre a figura do diletante (em especial o barão de Charlus) na *Recherche* de Proust. Esta última tese foi defendida por Alexandre Bebiano de Almeida, que também fez o mestrado sob minha orientação e atua hoje como professor de literatura francesa na FFLCH-USP; entre os ex-orientandos que atuam como professores universitários, menciono ainda Flávio Quintale Neto, que fez o mestrado e doutorado sob minha orientação e integra hoje o corpo docente de filologia românica na Universidade Técnica de Aachen (*Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule Aachen*), na Alemanha.

Quanto à iniciação científica, menciono uma pesquisa sobre o *fairy tale* de Oscar Wilde “O aniversário da Infanta” (relacionada ainda ao quadro “Las Meninas”, de Diego Velázquez); também uma pesquisa, concluída em agosto de 2008 e que me permito dizer de excelente nível, sobre *O Duplo* de Dostoiévski (com menção honrosa no SIICusp desse mesmo ano) e, ainda, outra pesquisa bastante consistente sobre os romances *Grande Sertão: Veredas* e *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

#### IV – Atividades de extensão

Relacionados a atividades de extensão estão os eventos mencionados acima (“Fausto e a América Latina”, “Afinidades Eletivas”, “VI Jornada de Literatura Alemã”), sendo que o último teve lugar no Prédio de Letras-FFLCH em agosto de 2011,



organizado por mim e pelo prof. Tercio Redondo, em cujo âmbito proferi a palestra “Traduções do *Fausto* para o português” (Anexo III). Neste ponto cumpre dizer que participo regularmente dessa Jornada de Literatura Alemã que acontece todos os anos no segundo semestre.

Participo também com certa regularidade de cursos de extensão oferecidos pelo Centro Universitário Maria Antonia, tanto na modalidade de mini-cursos com quatro encontros semanais (deixo registrado o evento sobre o “o *Fausto* de Goethe e o mundo mefistofélico”, no ciclo “Ler os Clássicos”) como também assumindo apenas um módulo em curso coletivo, conforme se deu em maio de 2009 no contexto do curso “Mitos modernos na literatura e no cinema”, que contou ainda com a participação de três outros professores da FFLCH.

## V – Gestão universitária

Imediatamente após ter ingressado como docente no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, em outubro de 1996, assumi a coordenação de graduação, exercendo-a pelos dois anos subsequentes, até novembro de 1998. Assumi posteriormente, ao longo de outros dois anos, a coordenação de pós-graduação; e de janeiro de 2006 a julho de 2009 exerci as funções de vice-chefe. Finalmente, estive na chefia do referido departamento entre agosto de 2009 e agosto de 2011. Considerando que, além desses cargos de maior importância, participei ainda de várias outras comissões representando o DTLLC (tendo assumido também, durante vários anos, a coordenação de um convênio entre a FFLCH-USP e a Universidade Livre de Berlim), creio poder afirmar que também nesse item de gestão universitária a minha atuação pode ser avaliada como plenamente satisfatória.

## Anexo I

### Alegoria e História no *Fausto* de Goethe

#### **I – Introdução: justificativa e objetivos do projeto.**

O projeto aqui exposto tem por objeto a tragédia *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832), publicada em suas duas partes em 1808 e, postumamente, 1833. Se o termo “clássico”, em uma de suas acepções, qualifica uma obra que permanece significativa nos mais variados contextos históricos e culturais, submetida assim a um processo receptivo ininterrupto e sempre oferecendo uma nova fisionomia às sucessivas gerações de leitores, então se poderá dizer que essa obra, na qual Goethe trabalhou ao longo de seis décadas, merece aquele qualificativo mais do que qualquer outro “clássico” da literatura mundial. Como se buscará fundamentar, Goethe configurou na tragédia *Fausto*, sobretudo em cenas do quinto ato da Segunda Parte (no complexo dramático conhecido como “Tragédia do Colonizador”), tendências históricas que não fizeram senão intensificar-se nos decênios posteriores à sua morte e que parecem alcançar no atual mundo globalizado pleno desdobramento.

Desse modo, a relevância do projeto advém, em primeiro lugar, do fato de concentrar-se numa obra de importância fundamental não apenas no âmbito da literatura alemã, mas também da própria *Weltliteratur* (para usar o termo cunhado por Goethe em sua velhice), objeto de alusões e referências por parte de incontáveis autores dos séculos XIX e XX, bastando para isso lembrar a presença do *Fausto* em todos os romances que Machado de Assis escreveu a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. E o projeto buscará a sua originalidade (que, em relação a uma obra desse porte, não pode deixar de ser relativa) ao explicitar e incorporar à argumentação crítica o próprio lugar histórico do intérprete, no esforço de demonstrar que o caráter atual e virulento da configuração goethiana de uma modernidade que o poeta metaforizou em diversos contextos com os neologismos “mefistofélico” e “velocífero” também pode ser concretizado com especial intensidade à luz de um processo desenvolvimentista como o que teve e tem lugar em nosso país. Trata-se, de resto, de uma proposta crítica que corresponde à convicção goethiana de que novas experiências (e, sobretudo, as históricas) sempre abrem novas dimensões na leitura de um texto como o *Fausto*, no qual o leitor atento a “gestos, acenos e leves alusões” poderá encontrar muito mais do que o autor conseguiu colocar de maneira consciente.

No âmbito de uma pesquisa individual não é mais possível dar conta das dezenas de milhares de páginas que se escreveram e se escrevem sobre o *Fausto* de Goethe, sobretudo porque não se trata apenas de quantidade, já que nessa bibliografia secundária incluem-se textos do mais alto nível, não só de proeminentes sociólogos e filósofos dos séculos XIX e XX, mas também dos principais nomes nos estudos germanísticos. Pretendo, assim, que a pesquisa, operando de modo seletivo, possibilite a elaboração de um estudo solidamente baseado nos melhores trabalhos sobre o *Fausto*, o qual possa oferecer ao leitor brasileiro sínteses competentes das principais posições teóricas na filologia fáustica e ressaltando os momentos de inflexão ou de mudanças de paradigma na interpretação.

Uma vez, porém, que tanto o “assunto” como os principais temas e motivos da tragédia goethiana não constituem invenção pura de Goethe, mas remontam à mais célebre história de pactuário de toda a tradição ocidental (e que se converteu em mito central da modernidade, segundo a conhecida tese de Ian Watt), a pesquisa pretende incorporar, em sua etapa preliminar, a abordagem do livro anônimo *Historia von D. Johann Fausten* e da extraordinária recepção que teve nos vários decênios posteriores à sua publicação em 1587. O objetivo dessa pesquisa será demonstrar que vários episódios da tragédia de Goethe só podem ser plenamente compreendidos mediante a elucidação de alusões à história medieval-renascentista do doutor Fausto. Em meio às passagens que podem ilustrar tal intertextualidade, lembro, apenas a título de exemplo, o monólogo que Fausto pronuncia na cena “Diante da porta da cidade” durante o passeio de Páscoa ao lado de seu ajudante Wagner: entre as várias camadas de significado presentes no monólogo encontram-se também alusões aos capítulos da *Historia* de 1587 (do 24º ao 27º) em que o protagonista, sob a influência da *curiositas* condenada pela doutrina cristã, realiza com ajuda da magia mefistofélica o desejo de adquirir “asas de águia” para investigar todos os cantos “do céu e da terra”.

Para concluir esta parte introdutória, gostaria de observar ainda que, embora o projeto aqui esboçado ressalte prioritariamente aspectos históricos e sociais, o *Fausto* goethiano (e, em especial, a Segunda Parte) caracteriza-se também por uma dimensão lúdica – o tratamento humorístico do Mito ao longo da cena “Noite de Valpúrgis Clássica” ou em certos momentos do “ato de Helena”, trocadilhos e jogos lingüísticos etc. – que de modo algum deixará de ser contemplada na pesquisa.

## II – O motivo do pacto demoníaco e a origem do mito fáustico. Do livro popular *Historia von D. Johann Fausten* (1587) até o *Fausto* de Goethe.

O motivo do pacto é certamente um dos mais antigos da literatura mundial, já delineado no episódio da “tentação no deserto” (*Mateus*, 4: 8 – 11) a que Goethe se refere explicitamente no quarto ato do *Fausto II* (verso 10.131). Ao longo de toda a Idade Média esse motivo incrusta-se em diversas lendas que posteriormente sofrerão elaboração literária em “mistérios” religiosos e *morality plays*, ligados não raro ao florescente “culto a Maria”. Entre vários exemplos, podem-se mencionar aqui a lenda de Basílio, trabalhada pela freira alemã Hrotsvith von Gandersheim (935 – 973); a lenda de Teófilo, tratada, entre outros, por Gonzalo de Berceo (1195 – 1264) em *Los milagros de Nuestra Señora* e pelo célebre menestrel francês Rutebeuf (1250 – 1285) em *Le miracle de Théophile*; ou ainda a lenda de Cipriano e Justina, que se origina no século IV, é posteriormente relatada em versos hexâmetros compostos pela Imperatriz grega Eudóxia (ou Eudocia, falecida por volta de 460) e, já em pleno barroco espanhol, aproveitada por Calderón de la Barca (1600 – 1681) em seu drama *El mágico prodigioso*, que costuma ser considerado o *pendant* católico da história do doutor Fausto.

Se as lendas de Basílio, Teófilo e Cipriano podem ser vistas no âmbito da hagiografia, a história do mais célebre pactuário da cultura ocidental rompe decididamente com essa tradição. Trata-se do protagonista da já mencionada narrativa anônima que surge em 1587 durante a Feira do Livro de Frankfurt, a *Historia von D. Johann Fausten*, obra em que se amalgamam episódios lendários e verídicos em torno de um certo doutor Fausto que viveu na Alemanha aproximadamente entre os anos de 1470 e 1540. Apesar das mencionadas elaborações anteriores do pacto demoníaco, é também esta obra que funda de fato a linhagem em que se inserem o *Fausto* de Goethe assim como outros textos da literatura ocidental, como os romances *Doutor Fausto* (1947), de Thomas Mann, e mesmo *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Para entender os motivos que levaram o autor anônimo da *Historia* a afastar-se da tradição que prescrevia um desfecho reconciliado e redimido (em geral, graças à intervenção de Nossa Senhora) à trajetória do pactuário, substituindo-o pela danação eterna, será necessário lançar um olhar sobre o contexto histórico em que a obra é concebida e publicada.

O escopo principal dessa fase preliminar da pesquisa será fundamentar que a *Historia* está pontilhada por contradições típicas de sua época, isto é, a profunda crise que marca a transição do mundo medieval para a Era Moderna. Desse modo, deverá evidenciar-se a tensão, no interior da obra, entre forças decorrentes do espírito científico e humanista que desperta vigorosamente no século XV e, no lado oposto, a reação ideológica de correntes determinadas prioritariamente por concepções religiosas. Pois o trágico fim reservado ao pactuário alemão – uma constelação, aliás, que se atualizará 360 anos mais tarde no romance fáustico de Thomas Mann – exprime igualmente a condenação do novo *Zeitgeist* (para usar este termo da filosofia hegeliana) impulsionado pelas descobertas e inovações no terreno filosófico, artístico, científico, assim como pela expansão das forças produtivas ligadas à burguesia ascendente. Ao condenar à danação eterna o pactuário Doutor Fausto, movido pelo desejo irresistível de “especular sobre os elementos” (*die Elementa speculieren*), a *Historia* demoniza ao mesmo tempo tendências que abalavam os alicerces de concepções que vigoraram por muitos séculos. Como exemplificação sumária dessa constelação histórica a que se opõe o autor anônimo da narrativa, podem-se mencionar os nomes de Copérnico, que em 1543 refuta o modelo astronômico de Ptolomeu com a sua obra *De revolutionibus orbium coelestium*, ou o de Andreas Vesalius, que nesse mesmo ano estabelece os fundamentos da anatomia moderna (*De corporis humani fabrica*); avançando poucas décadas, citem-se também Galileu Galilei ou Willian Harvey, que ainda no século XVI inicia as pesquisas que, entre outras conquistas no campo da medicina e da biologia, levam à demonstração da circulação sanguínea em 1628. Lembre-se ainda que, contemporâneos do Doutor Fausto, foram também Leonardo da Vinci e o médico, alquimista e filósofo suíço Paracelsus. Além disso, esse período de prodigioso desenvolvimento científico é marcado pelas expedições ultramarinas de espanhóis e portugueses (Vasco da Gama ou Fernão de Magalhães, que em 1521 completa a primeira circunavegação), as quais levam à descoberta do Novo Mundo. No anseio do Doutor Fausto em percorrer e conhecer países distantes (e mesmo outros planetas assim como o paraíso e o inferno) exprime-se sub-repticiamente a condenação de tais expedições que acarretaram a expansão das fronteiras tradicionais e a conseqüente colonização de novos mundos, como a América do Sul, ou a violenta conquista do México levada a cabo por Cortés entre 1519 e 1521. Se o assunto da colonização aflora apenas de maneira indireta na *Historia* de 1587, ele irá desempenhar papel de importância crucial na Segunda Parte do *Fausto* de Goethe e, por isso, um objetivo prioritário desta pesquisa será abordar a

tragédia à luz de aspectos tomados ao processo colonizador brasileiro, o que pode trazer uma contribuição até certo ponto inédita à filologia goethiana.

A despeito da intenção moralizante que presidiu à mencionada demonização do novo *Zeitgeist* da era burguesa, o protagonista da *Historia* de 1587 converteu-se em figura de identificação para o público leitor contemporâneo (e não, como almejado pelo autor, de execração). Desse modo, a narrativa revelou-se um enorme sucesso editorial, seguindo-se sucessivas reedições e adaptações na Alemanha assim como, já em 1592, a primeira tradução inglesa. Fausto passa então a encarnar os valores desse período histórico marcado pelos nomes acima citados (Copérnico, Vesalius, Vasco da Gama etc) – de um período, portanto, igualmente empenhado em “especular sobre os elementos” e transgredir todas as fronteiras. Torna-se um indivíduo emblemático da Era Moderna ou, como proposto por Ian Watt, um “mito do individualismo moderno”. Na condição de pactuário “moderno”, a figura de Fausto adquire indiretamente uma dimensão estranha aos seus predecessores, uma dimensão contraditória e problemática que, se não se tornou plenamente consciente aos leitores da *Historia*, pôde aflorar com relativa nitidez na primeira grande representação literária do mito fáustico, proveniente do dramaturgo elisabetano Christopher Marlowe (1564 – 1593).

*The tragical history of Dr. Faustus*, redigida imediatamente após a publicação da tradução inglesa da *Historia*, também será discutida no projeto, à medida que delinea aspectos e concepções já modernos do pacto demoníaco e da presença no mundo do Mal e do Maligno (*Evil* e *Devil*). Ver-se-á então que o *Mephostophilis* de Marlowe antecipa, como já apontado pela crítica, não apenas certas facetas da complexa figura de Satã no *Paradise Lost* de John Milton (elaborado entre 1658 e 1663), mas também do irreverente Mefistófeles goethiano.

Outras obras que se inserem igualmente nessa mesma tradição e que, portanto, também deverão ser consideradas nessa etapa da pesquisa são as versões da história do Doutor Fausto reelaboradas por Georg Rudolf Widmann (1599), depois por Johann Nikolaus Pfitzer (1674) e, ainda, por um autor anônimo que se apresentava como “intencionado pela fé cristã” (*Das Faustbuch des Christlich Meynenden*, 1725), todas elas consultadas por Goethe durante os decênios em que trabalhou na sua tragédia.

### **III – O substrato histórico do *Fausto* de Goethe. Alegorizações do mundo moderno. A figura de Mefistófeles.**

É fato inconteste que, pelo menos desde o Século das Luzes, a crença no diabo enquanto entidade física entrou num processo de irremediável atrofia, o qual levou ao seu banimento do pensamento filosófico e mesmo teológico. Ao desaparecimento da pessoa do maligno corresponde, no entanto, extraordinária intensificação de sua presença na literatura – de John Milton, passando por Goethe, Dostoievski (o célebre capítulo “O diabo. O pesadelo de Ivan Fiódorovitch”, em *Os irmãos Karamazov*), Bulgákov (*O Mestre e Margarida*) ou Thomas Mann (*Doutor Fausto*) e chegando até Guimarães Rosa. Vedado o seu ingresso ao espírito humano pelo portal autocrático da *ratio*, é como se o diabo, conforme formulado por um crítico, abriu caminho para si através da “porta dos fundos da imaginação”.

Certamente não será exagero enxergar no Mefistófeles goethiano não apenas a mais célebre figura demoníaca de toda a literatura mundial, mas também a mais complexa, irreverente, espirituosa, cintilante e mesmo filosófica. Além disso, mais do que qualquer outro diabo literário, a personagem de Mefistófeles parece solicitar uma abordagem articulada num contexto prioritariamente histórico. Nesse sentido, Mefisto não pode ser comparado a uma personagem maciçamente maligna (ou diabólica), como o mencionada Satã de John Milton. O Mal em estado por assim dizer “puro”, ontologicamente absolutizado, apresenta-se, em Goethe, apenas na “Missa Satânica” da Noite de Valpúrgis, e este parece ser o motivo decisivo para a sua segregação do texto canônico.

Na perspectiva de leitura que orientará a pesquisa, a magia ou feitiçaria mefistofélica deverá ser analisada em conexão estreita com as concepções goethianas do avanço da sociedade industrial e do desenvolvimento das forças produtivas no sistema capitalista, não apenas entre o final do século XVIII e as três primeiras décadas do XIX, mas também numa seqüência histórica que extrapola o período de vida do poeta, pois muitas das imagens concebidas em sua tragédia (símbolos, alegorias ou ainda “fórmulas ético-estéticas”, como se lê em textos da velhice) se mostram capazes de desdobrar o seu potencial de questionamento crítico também em face de questões do mundo contemporâneo.

Entre vários exemplos que ilustram a conexão acima mencionada, pode-se lembrar a referência, por meio do “manto mágico” de Mefisto (versos 2.065-71), aos aeróstatos desenvolvidos em Paris, nos anos 80 do século XVIII, pelos irmãos Montgolfier. Citem-

se também, nesse contexto, o plano econômico que entra em ação no 1º ato da Segunda Parte (a invenção do “papel-moeda fantasma”, que alude às *Assignaten* da Revolução Francesa e à crise inflacionária que atingiu a moeda austríaca em 1810), ou ainda as “botas de sete-léguas”, no início do quarto ato, como alegorização dos modernos meios de transporte e comunicação: ao indicar, por exemplo, que são as “botas” mágicas que se movimentam com Mefisto (e não este que as calça e conduz), Goethe cria a sugestão do caráter autônomo e instrumental da técnica moderna. Também no quarto ato da Segunda Parte tem-se a intervenção mefistofélica na guerra civil como figuração alegórica das mais avançadas tecnologias bélicas e estratégias militares.

Em consonância com essa visão de Mefisto enquanto demônio secularizado e eminentemente moderno, a tragédia *Fausto* será vista, em seu todo, sob o pano de fundo do período histórico da chamada Era das Revoluções, para citar aqui o célebre estudo de Eric Hobsbawm. Para essa perspectiva de leitura será especialmente importante discutir as alterações que Goethe empreendeu no fragmento publicado em 1790 (*Faust. Ein Fragment*) – o qual, por sua vez, amplia e reelabora o manuscrito do *Urfaust* (a versão original da tragédia) redigido entre 1772 e 1775 – durante o trabalho de finalização do texto canônico, concluído em 1806, mas cuja publicação sofreu um atraso de dois anos em consequência da invasão napoleônica. Procurar-se-á fundamentar que essas alterações, assim como adendos e o “preenchimento” de lacunas no enredo dramático (como a redação da passagem-chave do pacto, na segunda cena “Quarto de trabalho”) espelham o intenso confronto de Goethe com a Revolução Francesa e os seus desdobramentos.

Quanto à Segunda Parte da tragédia, a pesquisa pretende colocar em primeiro plano a alegorização goethiana dos efeitos da Revolução Industrial e da moderna sociedade burguesa-capitalista como um mundo de abstrações e fenômenos “virtuais”. Este último aspecto se elucida exemplarmente com a abordagem do já referido plano econômico engendrado por Mefistófeles para sanear as finanças do reino; mas também mediante o enfoque da longa cena do baile carnavalesco (“Sala vasta”), em que as personagens adentram o palco como alegorias (ou *Charaktermasken*, para usar o conceito introduzido por Marx no primeiro capítulo do *Capital*) das modernas relações econômicas. Nesse contexto de abstrações e artificialidades, temos ainda a produção de um ser humano artificial (o Homúnculo) no antigo laboratório alquímico de Fausto – agora sob controle do ex-fâmulo Wagner, espécie de bioquímico cujos experimentos incorporam também conquistas da moderna ciência, como a síntese da uréia realizada



em 1828 por Friedrich Wöhler, aluno do renomado químico sueco (e interlocutor de Goethe) Jöns Jacob Berzelius (1779 – 1848).

Imagens da Revolução Industrial reverberam, sobretudo, no início do quinto ato da segunda parte, com os relatos de Baucis sobre as “mil luzinhas” que via “enxamear” de madrugada ao longo das regiões costeiras, numa alusão sutilmente anacrônica à máquina a vapor (*steam engine*) desenvolvida nas duas últimas décadas do século XVIII por James Watt.

É importante observar, porém, que no *Fausto II* as referências e alusões às transformações profundas acarretadas pela intervenção da técnica moderna sobre a Natureza subordinam-se ao complexo dramático da chamada “tragédia do colonizador”. Neste ponto parecem abrir-se duas perspectivas para a interpretação, sendo que a primeira consiste na abordagem desse complexo à luz do confronto do velho poeta com o incipiente socialismo utópico, em especial o movimento saint-simoniano. A segunda perspectiva exegética diz respeito mais propriamente ao tema histórico da colonização e suas conseqüências – e é precisamente neste ponto que a pesquisa poderá, de maneira fecunda, recorrer a fenômenos e processos tomados à história brasileira, não com o intuito de forçar aproximações problemáticas, mas sim de concretizar e colocar à prova as potencialidades inesgotáveis da grande criação literária (demonstrando que muitas das “fórmulas ético-estéticas” do *Fausto II* podem iluminar também aspectos do processo colonizador brasileiro).

Na cena “Palácio”, a segunda do quinto ato, deparamo-nos com versos nos quais se podem vislumbrar alusões ao sistema mercantilista incrementado pela descoberta e exploração das colônias do Novo Mundo na virada do século XV para o XVI, no qual também se insere o período de vida do Fausto histórico. Lembrem-se primeiramente os versos pronunciados por Mefistófeles quando a frota por ele capitaneada retorna às possessões de Fausto, após uma empresa marítima coroada de êxito. Já na primeira estrofe, de 18 versos, Mefisto entoava com seu habitual cinismo palavras que parecem parodiar o tom solene e afirmativo de empreendimentos ultramarinos (como se verifica no canto V da epopéia camoniana): “Tens força, tens, pois, o direito./ Sem Como a gente ao Quê se aferra;/ Conhece-se a navegação!/ Comércio, piratagem, guerra,/ Trindade inseparável são.” Pouco depois, diz ele ao velho e irascível colonizador com o intuito de arrancar-lhe palavras que possa interpretar no sentido de uma ordem para aniquilar o casal de anciãos Filemon e Baucis, em cujo mundo de vida se enraízam tradições milenares prestes a serem destruídas (assim como a última reserva da natureza

primordial) pelo novo modelo da civilização fáustica: “Que cerimônia, ora! E até quando?/ Pois não estás colonizando?” (vv. 11.273-74)

Ao elaborar passagens como esta, Goethe tinha também em mente – hipótese a ser desenvolvida na pesquisa – uma tendência comum aos processos de colonização, a qual se manifesta na subjugação e no extermínio das populações indígenas na América do Sul assim como na violenta conquista do México e, mais tarde, na dizimação dos autóctones norte-americanos pelos colonos ingleses. Para se compreender a amplitude semântica do verbo “colonizar” seria útil uma consulta mais acurada de obras de economia política comprovadamente lidas por Goethe, como *Abhandlung von dem Geldumlauf* [“Tratado da circulação do dinheiro”], em que o autor, J. G. Büsch, associa esse verbo (*kolonisieren*) à exploração do ouro em possessões ultramarinas e ao fluxo migratório da Alemanha para a América, fenômeno tematizado também no romance de velhice *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*. No contexto da tragédia, o verbo “colonizar” parece incorporar o significado de “deportar”, “remanejar” os anciãos de sua terra ancestral (ou até mesmo eliminá-los fisicamente), e aludir ao mesmo tempo às fontes das riquezas transportadas ao florescente Império fáustico pela máquina mercante sob o comando de Mefisto e seus subordinados alegóricos.

Nas cenas subsequentes, amplia-se a alegorização goethiana de um realidade social determinada pela exploração de novas fontes de matéria-prima, pelo trabalho escravo, pela subjugação da Natureza. Paralelos com a ordem advinda da incorporação do Novo Mundo ao sistema produtivo europeu tornam-se evidentes e, por conseguinte, espera-se que a abordagem desse complexo temático da tragédia se enriqueça com a consideração da dinâmica da própria colonização que teve lugar em terras brasileiras.

A possibilidade de ultrapassar pela interpretação o “teor factual” (ou “teor material”: *Sachgehalt*, para usar a expressão de Walter Benjamin) das cenas do quinto ato e construir uma abordagem a partir de novas experiências históricas – essa possibilidade foi inscrita no *Fausto*, com toda consciência, pelo poeta que nos anos de velhice passou a referir-se às imagens irisadas de sua criação como “fórmulas ético-estéticas” e a afirmar assim que o leitor atento poderia encontrar na tragédia muito mais do que o próprio autor pôde colocar. E é justamente nessa perspectiva que um comentador e intérprete como o filósofo norte-americano Denton J. Snider (1841 – 1925) vislumbrou no *Fausto* do quinto ato uma espécie de “propagandista do mito americano”, que transformou um continente selvagem num país civilizado e desenvolvido. (E também pode ser novamente lembrado aqui o economista Hans Christoph Binswanger, que em

comentários feitos em 2010 sobre o seu estudo *Dinheiro e magia* relaciona o mefistofélico plano econômico posto em prática no primeiro ato do *Fausto II* com a recente crise financeira que teve origem no setor imobiliário dos Estados Unidos.)

A abertura dessa nova perspectiva exegética para a tragédia do colonizador, conforme proposto acima, deverá articular-se com a discussão de algumas das principais interpretações que enfocam as cenas do quinto ato constitutivas da última etapa da trajetória terrena de Fausto, sejam os célebres estudos de Georg Lukács, Ernst Bloch ou Oswald Spengler, também as chamadas abordagens anti-perfectibilistas de Wilhelm Böhm e Gottlieb C. L. Schuchard, ou ainda as posições mais recentes na filologia fáustica.

No contexto mais amplo dessa tragédia do colonizador, penso em orientar a interpretação pelos seguintes pontos configurados por Goethe nas cenas em questão – procedendo-se agora, à guisa de conclusão desta parte, a um levantamento resumido e meramente indicativo:

1. Tendências desenraizantes da era moderna, como se verifica na ordem inicial de deportar (ou mesmo eliminar, “colocar de lado”: *zur Seite schaffen*, como diz literalmente o texto) o casal de anciãos Filemon e Baucis;
2. Visão nuançada da ambivalência da Natureza: por um lado, a sua interação harmônica com a atividade humana, conforme se manifesta no mundo de vida do casal de anciãos (ou ainda em relação às personagens do Peregrino e de Linceu); por outro lado, a ameaça constante sob a forma de catástrofes naturais, às quais Fausto procura contrapor-se mediante a sua subjugação;
3. A aparição dos “lêmures”, na cena “Grande Átrio do Palácio”, como alegorias do trabalho alienado: convocados pelo capataz Mefisto para a abertura da cova de Fausto – mas que este, submetido a trágico e irônico ofuscamento, toma por um novo cavado em seu descomunal canteiro de obras – os lêmures logo dizem desconhecer a razão pela qual foram chamados, ou seja, parecem revelar uma relação “alienada” com o trabalho que executam.
4. O lado regressivo do progresso tecnológico, que se vincula à tentativa de erigir um pretenso reino de “liberdade” mediante instrumentos de coerção e opressão: “De pé,

obreiros, vós! O povo todo!/ Torne-se um feito o que ideei com denodo./ Pegai da ferramenta, enxadas, pás!/ Completai logo o traçamento audaz./ Esforço ativo, ordem austera./ O mais formoso prêmio gera./ A fim de avivar-se a obra mais vasta./ Um gênio para mil mãos basta.” – Ou, pouco depois, esta ordem ao “capataz” Mefisto: “Contrata obreiros às centenas,/ Promete regalias plenas,/ Paga, estimula, vai forçando!”.

Nesse complexo final da tragédia goethiana delinea-se uma aguda imagem da dialética do progresso, da colonização ou mesmo do Iluminismo: “Sim! da razão isto é a suprema luz”, diz o colonizador cego em seu grandioso monólogo final, justificando e racionalizando os crimes perpetrados mediante referências ao avanço de seu projeto civilizatório e à almejada conquista de um reino de liberdade e justiça social. O discurso *esclarecido* parece converter-se então, numa das dimensões do texto, em mero instrumento de domínio, levantando-se a sugestão sub-reptícia de regressão social. Nesse ponto, penso que poderá ser bastante fecundo mobilizar para a discussão das cenas finais da tragédia do colonizador as reflexões desenvolvidas por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*. O próprio Adorno parece apontar para essa possibilidade ao referir-se, em seu posterior ensaio sobre a cena final do *Fausto* (“Zur Schlußszene des *Faust*”), ao crime cometido contra Filemon e Baucis, “cuja cabana é tão intolerável ao senhor das novas terras submetidas aos homens como é intolerável a toda racionalidade ligada à dominação sobre a Natureza tudo o que não se lhe assemelha”.

## Anexo II

### INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS I

Prof. Dr. Marcus Vinicius Mazzari

1º semestre (2012) – Noturno

Disciplina: básica

Código: FLT 123

Carga horária: 4 horas semanais

Créditos-aula: 4

1. – Objetivos: O curso tem por objetivo oferecer uma introdução geral ao estudo do gênero lírico. Nas etapas iniciais do curso estarão em pauta os estratos básicos do poema (métrica, rima, ritmo, sonoridade) assim como figuras de linguagem e formas poéticas. Nas etapas posteriores o curso pretende aprofundar-se em questões concernentes tanto à teoria da imagem (conceitos de metáfora e símile, de símbolo e alegoria) como à relação entre o gênero lírico e a realidade histórico-social. A exposição

teórica e prática de alguns métodos de análise e interpretação do poema está prevista para a etapa conclusiva do curso.

2. – Conteúdo:

2.1. Teoria dos gêneros. O gênero lírico

2.2. Elementos fundamentais do poema

2.3. Sistemas de verso e formas de poesia

2.4. Teoria da imagem poética: metáfora e símile; símbolo e alegoria

2.5. Lírica e sociedade

3. – Métodos utilizados: Aulas expositivas, coordenação de seminários e de discussões sobre textos teóricos ou poemas tomados a diferentes literaturas.

4. – Atividades discentes: Participação nas aulas e nos eventuais seminários; realização de prova escrita ou apresentação de trabalho final de aproveitamento sobre poemas indicados pelo professor.

5. – Critérios de avaliação: Qualidade do trabalho de aproveitamento (capacidade de análise e síntese, exposição clara e articulada, citação correta das fontes consultadas); desempenho em seminários e atividades escritas; participação nas aulas.

6. – Recuperação: Prova escrita ou trabalho em substituição às atividades que ficaram com nota final abaixo de 5,0 (cinco) e acima de 3,0 (três).

7. – Bibliografia teórica básica:

**Adorno**, Theodor W.: “Conferência sobre lírica e sociedade” (trad. Rubens Rodrigues Torres Filho), in *Textos escolhidos (Os Pensadores XLVIII)*. São Paulo, Abril 1980.

**Aristóteles**: *Poética* (trad. Eudoro de Souza). São Paulo (Os Pensadores IV), São Paulo, Abril, 1973.

**Arrigucci Jr.**, Davi: *Humildade, paixão e morte – A poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

**Bandeira**, Manuel: *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

“A versificação em língua portuguesa”, in *Seleção em prosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

**Benjamin**, Walter: “Sobre alguns temas em Baudelaire”, in *Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo* (trad. Carlos Martins B. H. Alves). São Paulo, Brasiliense, 1995.

**Bosi**, Alfredo: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.  
(org.) *Leitura de poesia*. São Paulo, Editora Ática, 1996.

**Candido**, Antonio: *O estudo analítico do poema*. São Paulo, Humanitas Publicações, 1996.

*Na sala de aula*. São Paulo, Editora Ática, 1985.

*O Albatroz e o Chinês*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2004.

**Carpeaux**, Otto Maria: “Poesia e ideologia”, in *Origens e fins*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1943.

**Croce**, Benedetto: *Breviário de Estética – Aesthetica in nuce* (trad. Rodolfo Ilari Jr.) São Paulo, Editora Ática, 1990.

**Friedrich**, Hugo: *Estrutura da lírica moderna* (trad. Marise M. Curioni e Dora Ferreira da Silva). São Paulo, Duas Cidades, 1978.

**Hamburger**, Michael: *A Verdade da Poesia* (trad. Alípio Correia de Franca Neto). São Paulo, Cosac & Naify, 2007.

**Hegel**, Georg W. F.: “A poesia lírica”. In: *Cursos de Estética* (trad. Marco A. Werle e Oliver Tolle). São Paulo, Edusp, 2004.

**Kayser**, Wolfgang: *Análise e interpretação da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 1976.

**Maiakóvski**, Wladimir: “Como fazer versos?”, in: Schnaiderman, Boris: *A poética de Maiakóvski*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

**Platão**: *A República* (trad. Jacó Guinsburg). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

**Rosenfeld**, Anatol: “A teoria dos gêneros”, in *O teatro épico*. São Paulo, Perspectiva, 1986.

**Staiger**, Emil: *Conceitos fundamentais da poética* (trad. Celeste Galeão). Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1993.

**Villaça**, Alcides: *Passos de Drummond*. São Paulo, Cosacnaify, 2006.

**Warren**, Austin / **Wellek**, René: *Teoria da Literatura* (trad. José Palla e Carmo). Lisboa, Publicações Europa-América, 1971.

Introdução aos Estudos Literários II  
Prof. responsável: Marcus V. Mazzari  
2.º Semestre (2012) – Matutino  
Código da Disciplina: FLT 124

1. Objetivo: O curso busca oferecer uma introdução geral ao estudo da narrativa, abordando questões ligadas à teoria da épica, do romance, da novela e do conto. Os textos de referência para o curso são obras narrativas tomadas não apenas à literatura brasileira, mas também a literaturas estrangeiras.

2. Programa:

2.0. Teoria dos gêneros;

- 2.1. Origens orais da literatura;
- 2.2. Mimesis: questões da representação literária;
- 2.3. Teoria da épica;
- 2.4. Teoria da novela e do conto;
- 2.5. Introdução à teoria do romance.

3. Atividades do professor: Aulas expositivas e coordenação de leituras.

4. Atividades dos alunos: Participação nas aulas; realização de provas e demais atividades.

5. Critérios de avaliação: Desempenho nas provas, participação nas discussões de classe.

6. Bibliografia básica:

6.1. Bibliografia primária:

Buarque de Hollanda, Aurélio e Paulo Rónai (organizadores e tradutores): *Mar de histórias* (8 volumes). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

Guimarães Rosa, J.: *Sagarana*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Homero: *Odisséia* (tradução Jaime Bruna). São Paulo, Editora Cultrix, 1997.

Kafka, Franz: *A Metamorfose* (tradução de Modesto Carone). São Paulo, Companhia das letras, 1998.

Machado de Assis, J. Maria: *Contos / Uma antologia* (org. John Gledson). São Paulo, Companhia das letras (2 volumes), 1998.

Woolf, Virginia: *Rumo ao Farol* (tradução Luiza Lobo). São Paulo, Biblioteca Folha, 2003.

Autor anônimo: *Lazarillo de Tormes* (organização: Mario M. Gonzáles; tradução: Heloísa C. Milton e Antonio R. Esteves). São Paulo, Editora 34, 2005.

6.2. Bibliografia secundária:

Adorno, Theodor W.: “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In *Notas de literatura I* (tradução de Jorge de Almeida). São Paulo, Duas Cidades / Editora 34, 2003.

Aristóteles: *Poética* (tradução de Eudoro de Souza). São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores – IV), 1973.

Auerbach, Erich: *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 1994.

Benjamin, Walter: “O Narrador”. In *Obras escolhidas – Magia, técnica, arte e política* (tradução de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, Brasiliense, 1985.

Bosi, Alfredo: *Céu, inferno*. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2003.

Candido, Antonio: (e outros): *A personagem de ficção*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

- Carone, Modesto: *Lição de Kafka*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.  
 [Friedman Norman: O ponto de vista na ficção.]
- Jolles, André: *Formas simples* (tradução de Álvaro Cabral). São Paulo, Editora Cultrix, 1976.
- Kayser, Wolfgang: *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra, Arménio Amado, 1976.
- Lukács, Georg: *A teoria do romance* (tradução de José Marcos M. de Macedo). São Paulo, Editora 34, 2000.
- “Narrar ou descrever”, in *Ensaio sobre literatura* (tradução de Leandro Konder e outros). Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1968, pp. 47-99.
- Rosenfeld, Anatol: “Reflexões sobre o romance moderno”. In *Texto e contexto*, São Paulo, Perspectiva, 1969.
- Staiger, Emil: *Conceitos fundamentais da poética* (tradução de Celeste Galeão). Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1993.
- Warren, Austin / Wellek, René: *Teoria da Literatura* (tradução de José Palla e Carmo). Lisboa, Publicações Europa-América, 1971.
- Watt, Ian: *A ascensão do romance* (tradução de Hildegard Feist). São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

### Anexo III

#### VI JORNADA DE LITERATURA ALEMÃ

ORG.: Prof. Dr. Marcus Mazzari (TLLC) e Prof. Dr. Tercio Redondo (DLM)  
 15 a 18 de agosto de 2011

#### PROGRAMA

15/08

10h00-12h00

- Elisandra Pedro (pós-grad./USP): Michael Kohlhaas no cinema: uma leitura de Volker Schlöndorff.
- Rodrigo Castro (pós-grad./USP): Heinrich von Kleist: uma linguagem a serviço da contradição.
- Valeria Pereira (doutora/USP): O Werther mais novo (e mais feliz): sobre as desavenças de Kleist com Goethe.

19h30-21h00

- Helmut Galle (FFLCH/USP): A *Hermannschlacht* e a representação da guerra.
- Érica Castro (pós-dout./USP): Robert Musil e o significado de Goethe em *Mann ohne Eigenschaften*.

16/08

10h00-11h30

- Lorena Vicini (pós-grad./USP): “Apocalipse alegre”: configurações do indivíduo moderno em *Leutnant Gustl*.
- Mariana Souza (pós-grad./USP): Arthur Schnitzler: análise de um conto esquecido.
- Patrícia Manzato (pós-grad./USP): Pesquisa documental na correspondência de Stefan Zweig no Deutsches Literaturarchiv Marbach.

19h30-21h00

- Priscila Figueiredo (pós-dout./USP): “Trabalhe mais, almeje menos”: o trabalho em *Jakob von Gunten* e *Der Gehülfe*, de Robert Walser.
- Prof. Dr. Jobst Welge (Universidade Livre de Berlim):



Aspectos da cultura alemã em *Amar, verbo intransitivo*.

17/08

10h00-11h30

- Felipe Vale (pós-grad./USP): O narrador de *Werther*.
- Murilo Araujo (grad./USP): O tema do silêncio de Deus no poema “De profundis”, de Georg Trakl.

19h30-21h00

- Profa. Dra. Magali Moura (UERJ): Da magia a Kant: considerações sobre a relação de Goethe com a filosofia.
- Prof. Dr. Marcio Suzuki (FFLCH/Filos./USP): *Weltliteratur* e *Weltgeschichte*: A ideia de cosmopolitismo em Goethe e Kant.

18/08

10h00-12h00

- Prof. Dr. Jorge de Almeida (FFLCH/DTLCC/USP): Mahler, Goethe e o Eterno Feminino.
- Prof. Dr. Marcus Mazzari (FFLCH/DTLCC/USP): Quando o “Insuficiente” se torna “Acontecimento”: traduções do *Fausto* para o português.

12h00-12h30

- Prof. Dr. Tercio Redondo (FFLCH/DLM/USP): Heinrich von Kleist: sobre o projeto de emancipação burguês.
- Wilma Patrícia Maas (UNESP/Araraquara): Goethe, Moritz e a autonomia da arte.

\*\*

Totais de produção	Totais de produção desde 2008
<p><b>Produção bibliográfica</b></p> <p>Artigos completos publicados em periódico....12  Livros publicados.....3  Capítulos de livros publicados.....8  Livros organizados ou edições.....1  Jornais de Notícias.....20  Revistas (Magazines).....3  Trabalhos publicados em anais de eventos.....2  Apresentações de trabalhos (Comunicação).....2  Apresentações de trabalhos (Conferência ou palestra).....7  Apresentações de trabalhos (Congresso).....5  Traduções (Artigo).....9  Traduções (Livro).....11  Traduções (Outros).....4  Posfácios (Livro).....1  Apresentações (Livro).....6  Demais produções bibliográficas.....8</p> <p><b>Produção técnica</b></p> <p>Curso de curta duração ministrado (extensão).....1  Curso de curta duração ministrado (outro).....3  Outra produção técnica.....2</p> <p><b>Orientações</b></p> <p>Orientação concluída (dissertação de mestrado - orientador principal).....8  Orientação concluída (tese de doutorado - orientador principal).....4  Orientação concluída (iniciação científica).....4  Orientação em andamento (dissertação de mestrado - orientador principal).....1  Orientação em andamento (tese de doutorado - orientador principal).....1  Orientação em andamento (supervisão de pós-doutorado).....2</p> <p><b>Eventos</b></p> <p>Participações em eventos (congresso).....7  Participações em eventos (seminário).....6  Participações em eventos (simpósio).....4  Participações em eventos (oficina).....1  Participações em eventos (encontro).....7  Participações em eventos (outra).....1  Organização de evento (congresso).....2  Organização de evento (outro).....1  Participação em banca de trabalhos de conclusão (mestrado).....7  Participação em banca de trabalhos de conclusão (doutorado).....10  Participação em banca de comissões julgadoras (livre-docência).....1</p> <p><b>Demais trabalhos relevantes</b></p> <p>Demais trabalhos relevantes.....2</p>	<p><b>Produção bibliográfica</b></p> <p>Artigos completos publicados em periódico....5  Livros publicados.....1  Capítulos de livros publicados.....2  Livros organizados ou edições.....1  Jornais de Notícias.....3  Revistas (Magazines).....  Trabalhos publicados em anais de eventos.....1  Apresentações de trabalhos (Comunicação).....2  Apresentações de trabalhos (Conferência ou palestra).....5  Apresentações de trabalhos (Congresso).....3  Traduções (Artigo).....  Traduções (Livro).....5  Traduções (Outros).....1  Posfácios (Livro).....1  Apresentações (Livro).....3  Demais produções bibliográficas.....3</p> <p><b>Produção técnica</b></p> <p>Curso de curta duração ministrado (extensão).....  Curso de curta duração ministrado (outro).....1  Outra produção técnica.....2</p> <p><b>Orientações</b></p> <p>Orientação concluída (dissertação de mestrado - orientador principal).....3  Orientação concluída (tese de doutorado - orientador principal).....3  Orientação concluída (iniciação científica).....2  Orientação em andamento (dissertação de mestrado - orientador principal).....1  Orientação em andamento (tese de doutorado - orientador principal).....1  Orientação em andamento (supervisão de pós-doutorado).....1</p> <p><b>Eventos</b></p> <p>Participações em eventos (congresso).....5  Participações em eventos (seminário).....3  Participações em eventos (simpósio).....2  Participações em eventos (oficina).....1  Participações em eventos (encontro).....4  Participações em eventos (outra).....  Organização de evento (congresso).....2  Organização de evento (outro).....1  Participação em banca de trabalhos de conclusão (mestrado).....5  Participação em banca de trabalhos de conclusão (doutorado).....3  Participação em banca de comissões julgadoras (livre-docência).....1</p> <p><b>Demais trabalhos relevantes</b></p> <p>Demais trabalhos relevantes.....2</p>

Link currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4795721A6>

São Paulo, 30 de agosto de 2012

Marcus V. Mazzari